



A DOCTRINA DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

THE DOCTRINE OF THE PERSEVERANCE OF THE SAINTS IN THE THOUGHT OF SAINT AUGUSTIN

Edson Pereira Lopes

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: *enttlopes@gmail.com*

**Alcides Sarkis El Atra, Divino Gomes da Silva, Eduardo Simões Martins,
João Marcos Lemos dos Santos, Raimundo Monteiro Montenegro Neto,
Roni de Melo Piuchi**

Discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

RESUMO

Santo Agostinho, bispo de Hipona, foi um dos primeiros filósofos-teólogos a sistematizar uma soteriologia monergista, isto é, um sistema teológico da salvação cuja ênfase está na soberania de Deus como a causa eficiente e absoluta da salvação humana. A partir dessa perspectiva, a finalidade desta reflexão é identificar o pensamento de Santo Agostinho quanto à doutrina cristã da perseverança dos santos, tendo como justificativa explícita o fato de que as obras agostinianas influenciaram diretamente o pensamento dos reformadores, Martinho Lutero e João Calvino, bem como a elaboração dos Cinco Pontos do Calvinismo no Sínodo de Dort.

PALAVRAS-CHAVE

Agostinho; Soteriologia; Monergismo; Soberania de Deus; Perseverança dos santos.

ABSTRACT

Saint Augustin, bishop of Hipona, was one of the first philosopher-theologians systemize a soteriology, that is, a theological system of the salvation whose emphasis is in the sovereignty of God as the efficient and absolute cause of the salvation human being. From this perspective, the purpose of this reflection is to identify to the thought of Saint Augustin how much to the Christian doctrine of the perseverance Dos Santos having as explicit justification the fact of that the agustinism workmanships had directly influenced the thought of the reformations, Martinho Lutero and João Calvin, as well as the elaboration of the Five Points of the Calvinism in the Sínodo de Dort.

KEYWORDS

Augustin; Soteriology; Monergism; Sovereignty of God; Perseverance of the saints.

1. INTRODUÇÃO

Nascido no século IV da era cristã, Santo Agostinho veio a se tornar um dos principais colaboradores ao pensamento ocidental, tanto no campo da teologia quanto no da filosofia, até mesmo porque nele há um rico debate entre esses dois campos do conhecimento, assim como uma inegável influência da sua filosofia em sua teologia (TARNAS, 1991, p. 143).

Poucos teólogos são tão relevantes para nossa época quanto Agostinho. Em meio à sua luta pessoal, surgiram perguntas que refletem muitos conflitos do homem moderno, com implicações claramente filosóficas e cristãs, tais como: o que é exatamente o mal? Como ele entrou na criação? Por que somos tão frequentemente incapazes de fazer o bem? Por que nos encontramos tantas vezes amando coisas erradas? Como podemos aprender a amar o bem? Como o pecado tem afetado nossa vontade e personalidade? Se Deus é infinitamente amoroso e poderoso, por que o mundo está cheio de maldade e sofrimento? Quem é Deus? Como podemos chegar à salvação? Por essas e outras perguntas abrangentes é que Agostinho se tornou um dos maiores teólogos e filósofos da humanidade. Ferreira (2006a, p. 15) então afirma que, dentre os quatro gigantes produzidos ao norte da África, se encontra Agostinho.

Este artigo discorre sobre um ensino (doutrina) específico do pensamento agostiniano, por ele nomeado como *O dom da perseverança*, o qual proposto dentro da discussão sobre a graça de Deus. O presente artigo está dividido nas seguintes partes: a. vida e obras literárias, b. influências filosóficas que marcaram o pensamento de Santo Agostinho e c. a perseverança dos santos no pensamento de Agostinho.

Por meio do estudo contextual da elaboração desse ensino por Santo Agostinho e das observações feitas do texto de sua própria autoria sobre o tema em questão, há de perceber como e por que esse filósofo e teólogo veio a ocupar lugar de destaque na construção do pensamento ocidental.

2. VIDA E OBRAS LITERÁRIAS DE SANTO AGOSTINHO

Aurélio Agostinho nasceu em 354 d. C. em Tagaste, província romana da Numídia no norte da África, filho de Patrício – o qual não era cristão até momentos antes de sua morte – e de Mônica – uma mulher cristã de reconhecido fervor religioso. Esse casal se dedicou para oferecer ao filho uma educação que lhe abrisse as portas do magistério; no entanto, ele não demonstrava interesse nos estudos e chegou a ser castigado por faltar às aulas, além de não esconder o seu desgosto pela língua grega (PESSANHA, 1999, p. 6). A figura da mãe de Agostinho aparece como alguém que constantemente procurava conduzir o seu filho no caminho da religião cristã, por isso orava por ele e por sua conversão religiosa; em contrapartida, ele se desinteressava pelo texto bíblico e pelo estilo de vida marcado pelos valores cristãos. Agostinho (1961, p. 58-59) relata que não encontrou as respostas que procurava para suas angústias interiores no texto bíblico; assim, desiludido com a religião cristã, veio a abandoná-la e abraçou por nove anos o convívio com os maniqueístas (BONNER, 1963, p. 193-194). Com seu apetite pela filosofia despertado por um livreto de Cícero, o jovem Agostinho avidamente buscou na Bíblia a “imortalidade da sabedoria” (AGOSTINHO, 1961, p. 58-59), mas sua leitura o decepcionou. A Bíblia “simplesmente me pareceu indigna de ser comparada com a majestade dos escritos de Cícero. Meu orgulho recusava sua simplicidade, e minha mente não lhe penetrava o íntimo” (AGOSTINHO, 1961, p. 60). Em sua convivência com os maniqueístas, Agostinho procurou descobrir respostas a três assuntos centrais que são explicitados nos seus escritos filosófico-teológicos: a existência e a natureza do mal; a natureza e a autoridade da Bíblia cristã; e a relação entre autoridade religiosa e a razão (BONNER, 1963, p. 193-194).

A vida moral de Agostinho nesse período ganhava crescentes traços de sensualidade e libertinagem sexuais, sendo mais disciplinada apenas quando ele veio a estabelecer uma união matrimonial duradoura com uma concubina em

372-385 d. C. Dessa relação nasceu-lhes o filho de nome Adeodato. Somente em 386 d. C., aos 32 anos de idade, Agostinho então rompeu definitivamente com a filosofia maniqueísta (STACCONE, 1991, p. 39).

Os conhecimentos de filosofia grega e o maniqueísmo, em contradição, se tornaram cada vez mais insuportáveis para Agostinho, o que resultou no seu abandono do maniqueísmo (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 412). Após isso, ele abraçou a filosofia neoplatônica que lhe ensinava a espiritualidade de Deus e a negatividade do mal. Foi nessa época (386 d. C.) de troca de matrizes filosóficas referenciais que ele se voltou para os ensinamentos cristãos e passou a enxergar maiores compatibilidades intelectuais e respostas aos seus anseios existenciais, ainda que os efeitos morais demorassem a aparecer pelo seu apego aos prazeres materiais.

Conforme registram Altaner e Stuiber (1988, p. 413), quando Agostinho estava em meio a um agudo questionamento pessoal, ele se emocionou ao ouvir a história do eremita Antão e do sucesso da sua austeridade ante os desejos da carne. Ao se dirigir a um jardim próximo, ele ouviu a voz de uma criança que dizia: “*Tolle lege*” (“Toma e lê”), mas, ao procurar pela criança, nada encontrou, senão um livro onde estava escrito: “Andemos honestamente, como de dia; não em [glutonarias], nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja” (Rm: 13:13). Essas palavras confortaram e determinaram o novo rumo da vida de Agostinho e, a partir daí (setembro de 386 d. C.), ele passou a desenvolver razões explicativas para a fé cristã que abraçara.

Apesar de ter abraçado o cristianismo, ele não resolveu imediatamente suas crises, e, segundo Ferreira (2006b, p. 19), enfrentou a difícil decisão de romper os laços que o prendiam a uma vida libertina. Durante alguns meses, ele se recolheu à solidão na companhia de uns poucos, como a sua mãe, o seu filho e alguns discípulos, indo para perto de Milão. Brown (1983, p. 14) destaca que nesse período Agostinho se dedicou ao estudo e à prática do texto bíblico e da teologia em seu cotidiano.

Após o falecimento da sua mãe em Óstia, ele voltou para Tagasta, vendeu todos os seus bens, distribuiu o dinheiro

entre os pobres e fundou um mosteiro numa das suas propriedades, e assim cumpriu seu voto de desapego às coisas terrenas. Em 391 d. C., foi ordenado e, em 395 d. C., consagrado bispo da Igreja de Hipona, o que fez até a sua morte, ocorrida em 28 de agosto de 430 d. C. (FERREIRA, 2006b, p. 36-38).

Nos seus 76 anos de existência, Agostinho legou ao pensamento ocidental várias obras que aqui seguem as principais listadas por Ferreira (2006b, p. 22-25): *Contra os acadêmicos, solilóquios, a vida feliz e a ordem* (386 d. C.); *A imortalidade da alma e A gramática* (387 d. C.); *A grandeza da alma* (387-388 d. C.); *O livre-arbítrio* (388-395 d. C.); *O mestre* (389 d. C.); *A música* (389-391 d. C.); *A moral da Igreja Católica e a moral dos maniqueus* (388 d. C.); *As duas almas* (391 d. C.); *Controvérsia contra Fortunato – o maniqueu* (392 d. C.); *Sobre o Gênesis, contra os maniqueus* (386-391 d. C.); *A verdadeira religião* (389 d. C.); *Questões diversas* (389-396 d. C.); *A utilidade do crer* (391 d. C.); *A fé e o símbolo* (393 d. C.); algumas *Cartas e Sermões*; *Contra a epístola de maniqueu* (397 d. C.), *Contra Fausto, o maniqueu* (398 d. C.); *A natureza do bem* (399 d. C.); *O batismo* (400 d. C.); *Contra a epístola de Petiliano* (401 d. C.); *A unidade da Igreja* (405 d. C.); *A doutrina cristã* (397 d. C.); *Confissões* (398-399 d. C.), *Comentário literal ao Gênesis* (400-415 d. C.); *A Trindade* (400-416 d. C.); *Os bens do matrimônio; A santa virgindade* (401 d. C.); *Cartas, sermões e comentários aos Salmos; Os méritos e a remissão dos pecados* (411-412 d. C.); *O Espírito e a letra* (412 d. C.); *A natureza e a graça* (415 d. C.); *A correção dos donatistas* (417 d. C.); *A graça de Cristo e o pecado Original* (418 d. C.); *A alma e sua origem* (419 d. C.); *As núpcias e a concupiscência* (419-420 d. C.); *o Enquirídio* (421 d. C.); dois livros *Contra Juliano* (421 d. C. e 429-430 d. C.); *A graça e o livre-arbítrio e a Correção e a graça* (426 d. C.); *a Predestinação dos santos e o Dom da perseverança* (428-429 d. C.); *A Cidade de Deus* (413-426 d. C.); *o Cuidado devido aos mortos* (421 d. C.) e as *Retratações* (426-427 d. C.).

Percebe-se na listagem das obras que Agostinho transita pelas mais diversas temáticas, que, por sua vez, explicitam as influências filosóficas que marcaram seu pensamento, como será visto a seguir.

3. INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NO PENSAMENTO DE SANTO AGOSTINHO

Nas obras de Agostinho são abordados temas que, embora originados nas controvérsias teológicas de seu tempo, se refletem em discussões nos mais diferentes períodos do estudo da teologia e da filosofia. Assim, para a compreensão do pensamento de Agostinho em suas dimensões e aplicações, torna-se relevante ponderar as circunstâncias e influências que motivaram suas reflexões teológico-filosóficas que resultaram na sua compreensão de mundo.

De acordo com Tarnas (1991, p. 143), as interações de Agostinho com certos pensadores foram fundamentais para demarcar seu pensamento por toda a sua vida. Desses pensadores, é possível destacar Mani, profeta persa que fundou o grupo religioso que carrega seu nome (maniqueus), em cujos ensinamentos Agostinho buscou descobrir o motivo da existência do mal (BROWN, 2000, p. 46); Ambrósio, o bispo de Milão, cujo talento como expositor fez que Agostinho enxergasse as Escrituras cristãs como fonte de conhecimento espiritual (MORESCHINI; NORELLI, 2000, p. 17); e Plotino, o filósofo alexandrino, em quem temos a representação neoplatônica em cujas obras Agostinho encontraria uma perspectiva filosófica que responderia às suas dúvidas sobre a natureza de Deus e do mal (BOEHNER, 1985, p. 146-147).

No início de 242 d. C., proclamando-se um novo profeta na linha de Buda, Zoroastro e Jesus, o jovem místico Mani começou a pregar uma mensagem que fundia elementos míticos babilônicos, ética budista com uma teologia e terminologia cristã dentro da estrutura dualista zoroastriana. Tal como os grupos gnósticos que os precederam, os maniqueus depositavam grande importância no conhecimento, e esse aspecto gnóstico-racionalista atraiu Agostinho em sua busca por respostas (STACCONI, 1991, p. 39).

No maniqueísmo, o universo é retratado como um campo de batalha entre duas forças eternas e opostas: Deus, originalmente chamado de Ohrmazd ou Ahura Mazda, à moda do zoroastrianismo, o poder positivo e bom; e Ahriman,

também conhecido como Ahura Mainyu, o poder malévolo (SCOTT, 1995, p. 78). Quando Ahriman, e seu domínio, “O Reino das Trevas”, invade o domínio de Deus, “O Reino da Luz”, a contaminação do universo espiritual provocada pelas hostilidades resulta na criação do mundo físico (BONNER, 1963, p. 163). Para combater a invasão, Deus faz emanar de si dois seres de grande poder, o “Pai da grandeza” e a “Mãe da vida”, que, por sua vez, emanam de si o “Homem Primal”, um ser espiritual de grande poder que batalharia contra os demônios de Ahriman (SCOTT, 1995, p. 78-79). O Homem Primal, porém, foi derrotado e devorado pelos demônios. Apesar de o Homem Primal ser posteriormente resgatado, ainda sobraram faíscas da luz divina, traços da natureza de Deus dentro deles; e sabendo disso, dois demônios, servos do princípio maligno, concentraram todas as faíscas dentro de si e geraram o primeiro casal humano, Adão e Eva (BONNER, 1963, p. 1964-1967). Jesus desce ao mundo justamente para consolar essas criaturas compostas de faíscas divinas e para ensiná-las a escapar de suas prisões físicas para retornarem ao Reino da Luz.

O maniqueísmo, portanto, demonstrava uma visão negativa do corpo, mas muito positiva da alma. Os maniqueus “consideravam [...] sua ‘mente’, sua ‘piedosa alma’ seguramente incontaminada; ela era literalmente um farelo da substância divina” (BROWN, 2000, p. 50). Em razão dessa atitude para com o corpo e a alma, similar à de muitos grupos gnósticos, o maniqueísmo ensinava um ascetismo radical que poucos, os *perfeitos*, praticavam, enquanto os *ouvintes*, que compunham a maioria da comunidade maniqueia, apenas sustentavam a mesma filosofia e possuíam algumas responsabilidades dentro do grupo. É a essa segunda categoria que Agostinho pertencia (CAMPENHAUSEN, 2005, p. 334).

Apesar de seu envolvimento, Agostinho tinha suas reservas para com o maniqueísmo. A resposta oferecida ao problema do mal – que o mal existe porque é uma força igual e coeterna ao bem – foi problemática para ele e o deixava receoso (STACCONI, 1991, p. 39). A visão de Deus como um ente corpóreo também era aceita com alguma perplexidade, e o próprio Agostinho admite em suas *Confissões* que ele entendia Deus como um mar infinito que pervadia e preenchia

perfeitamente o universo como uma esponja (AGOSTINHO, 1961, p. 138).

Agostinho começou a ficar insatisfeito com as respostas do maniqueísmo e desiludido pela conduta e falta de conhecimento de alguns líderes da religião, a ponto de gradualmente perder sua fé no maniqueísmo (BENTLEY-TAYLOR, 1980, p. 27-29). Porém, as perguntas levantadas em sua mente durante seu tempo com os maniqueus, sobre a natureza de Deus, a existência do mal, o caráter do corpo e da matéria, e a criação do universo, iriam figurar proeminentemente em seus escritos futuros.

Agostinho estava insatisfeito, decepcionado e cada vez mais incrédulo em sua postura religiosa quando ele foi para Milão. Com essa atitude cética encontrou Ambrósio, bispo daquela cidade, cuja influência sobre seu pensamento foi decisiva e permanente (BROWN, 2000, p. 79-81). Ambrósio se tornou um destacado bispo de Milão e entregou-se inteiramente a esse ofício eclesiástico distribuindo a sua riqueza aos pobres, promovendo a educação cristã e filosófica, e dedicando-se a promover doutrina católica; por fim, provou ser um hábil orador e expositor da Bíblia cristã (SPANNEUT, 2002, p. 151-152). E foi especialmente este último aspecto de seu ministério que impactou Agostinho quando esse chegou a Milão, em 384 d. C. (OLSON, 2002, p. 261-262).

Ambrósio era um proponente da interpretação alegórica da Bíblia, talvez pela grande influência de Orígenes e Fílon sobre seu modo de pensar. Nesse método de interpretação, Ambrósio buscava desvendar significados escondidos, espirituais, em textos bíblicos, particularmente veterotestamentários, que à primeira vista pareciam chocantes aos leitores de sua época (CAMPENHAUSEN, 2005, p. 254-255). Uma prática favorita de Ambrósio era descobrir alegorias teológicas e morais, muitas vezes abordando temas filosóficos, em narrativas do Antigo Testamento. Assim, por exemplo, ele usava a história da peregrinação de Abraão como alegoria da progressão do homem, do paganismo ao cristianismo; usava Caim e Abel como representações, respectivamente, do povo judeu e do povo cristão (MORESCHINI; NORELLI, 2000, p. 348). Spanneut (2002, p. 162-164) escreve que na exegese

de Ambrósio “Alegoria e tipologia misturam-se numa procura progressiva de Deus. [...] Essa exegese jamais é um exercício acadêmico. É uma *lectio divina*, uma leitura meditada sob o olhar de Deus”.

Ambrósio desafiava a noção de Agostinho de que o cristianismo era “uma religião para pessoas fracas, estultas e sem entendimento. Ambrósio provava que era possível ser intelectual, eloqüente, corajoso e cristão” (OLSON, 2002, p. 262), e Ambrósio gradualmente mudou o modo como Agostinho via a Bíblia. Embora inicialmente o bispo tenha capturado a atenção de Agostinho com seu virtuosismo oratório, pouco a pouco Agostinho foi convencido de que os relatos bíblicos que antes considerara rudes e chocantes poderiam conter verdades espirituais além do que ele tinha imaginado (BENTLEY-TAYLOR, 1980, p. 31-32). Abandonando a necessidade de uma interpretação literal do que estava escrito e optando pela leitura alegórica e mística de Ambrósio, Agostinho passou, tentativamente, a confiar na Bíblia (CAMPENHAUSEN, 2005, p. 336).

Essa confiança em Ambrósio e sua subsequente confiança na Bíblia podem ser claramente vistas nas *Confissões*, onde Agostinho (1961, p. 115-116) escreve:

Também me alegrava de que as Antigas Escrituras da lei e os profetas já não me fossem propostas na interpretação anterior [literal], em que me pareciam absurdas, quando eu acusava teus santos de pensamentos que nunca haviam tido. Alegrava-me ouvir a Ambrósio dizer muitas vezes em seus sermões ao povo, recomendando com muito zelo a verdade: a letra mata e o Espírito vivifica. E, levantando o véu místico, revelava-me o significado espiritual de passagens que, segundo a letra, pareciam ensinar um erro.

Essa tentativa de conciliar a filosofia e o mundo com a Bíblia seria uma preocupação constante de Agostinho como teólogo. E até na sua última obra completa, *O dom da perseverança*, que é o foco deste artigo, o teólogo embasa seus argumentos quase inteiramente sobre a Bíblia cristã e cita com autoridade a obra de Ambrósio, a quem ele repetidamente chama de “bem-aventurado” (AGOSTINHO, 1999b, p. 266, 281).

4. O DOM DA PERSEVERANÇA EM SANTO AGOSTINHO

Pontuadas a vida e as obras literárias e as influências que marcaram o pensamento de Agostinho, a partir de sua obra *O dom da perseverança* é mister focar seu pensamento acerca do ensino que trata da perseverança.

4.1 AMIGOS E INIMIGOS DO DOM DA PERSEVERANÇA

Ambos os grupos foram importantes para a formulação da doutrina sobre *O dom da perseverança*. Os que apoiavam o ensino dessa doutrina são aqui chamados amigos, e os que foram seus oponentes são aqui nomeados inimigos.

A) *Amigos do dom da perseverança* – São Cipriano é uma autoridade citada para fundamentar a doutrina da perseverança como um dom de Deus concedido aos que a pedem, sem mérito algum nesses (AGOSTINHO, 1999b, p. 210). A influência daquele em Agostinho pode ser percebida até mesmo no estilo, pois Altaner e Stuiber (1988, p. 181) afirmam sobre o opúsculo *Ad Donatum* de Cipriano: “parece um prelúdio das Confissões de Santo Agostinho”. São Gregório é outra autoridade citada como alguém que também cria e ensinava “ser dom de Deus o crer em Deus e confessar o que cremos” (AGOSTINHO, 1999b, p. 267). O pensamento de Gregório corroborava a necessidade da graça divina, pois ele “fala claramente das funestas conseqüências do pecado de Adão” (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 181).

Dessa maneira, Agostinho respaldou o seu ensino sobre a perseverança como um dom de Deus e não como uma obra da competência humana, confirmando que esse ensino da perseverança como uma graça já era o entendimento de destacados teólogos anteriores sobre o fiel ensinamento bíblico.

B) *Inimigos do dom da perseverança* – Hamman (1995, p. 147) destaca que nos dias de Agostinho três controvérsias abalaram a

África: “maniqueísmo, donatismo e pelagianismo”, e, dentre esses opositores ao ensino do *dom da perseverança*, destacam-se os *pelagianos*. Hamman (1995, p. 149) afirma que, embora não se deva restringir a atividade de Agostinho à controvérsia pelagiana, esta ocupou vinte anos da sua vida, pois ele considerou os ensinamentos pelagianos como hereges juntamente com os semipelagianos (AGOSTINHO, 1999a, p. 209); nesses ensinamentos Agostinho via um erro triplo: 1. a negação de que a graça divina era concedida sem méritos humanos; 2. a negação de que ninguém consegue viver sem pecar; e 3. a negação de que os efeitos do pecado original se estendem a todos os homens e ao homem todo desde o seu nascimento, efeito esse que só seria quebrado pela regeneração graciosa (AGOSTINHO, 1999b, p. 216).

Fato é que tanto os *amigos* quanto os *inimigos* da doutrina do *dom da perseverança* foram importantes para a sua formulação. Aqueles, ao oferecerem subsídios de pensamento e de respaldo histórico às doutrinas da graça, e estes, ao provocarem respostas cristãs combativas aos ensinamentos considerados estranhos ao cristianismo de Agostinho.

4.2. O QUE É O DOM DA PERSEVERANÇA?

Tendo conhecido quais os principais personagens que estimularam Agostinho à formulação da doutrina da perseverança como um dom de Deus, é relevante compreender sua *definição* e o seu *significado* específico no texto em estudo, *O dom da perseverança*.

A) *Definição do dom da perseverança* – A perseverança dos santos é um dom de Deus com o qual o fiel persevera no amor a Cristo até o final da sua vida. Essa perseverança inclui as lutas presentes contra o pecado e não pode ser assim considerada aquela “perseverança” de certo tempo da vida, pois, sendo um dom de Deus, é “a perseverança de Mt 10.22: ‘Aquele que perseverar até o fim será salvo’” (AGOSTINHO, 1999b, p. 209, 213).

B) *O ensino sobre o dom da perseverança* – Visto que a perseverança dos santos é a fidelidade na fé em Cristo até o final da sua

vida, o que lhe garante a salvação é que essa perseverança é um dom de Deus dado definitivamente até o final da vida do verdadeiro cristão, então “a perseverança final é uma graça maior que todas as outras graças juntas” (AGOSTINHO, 1999b, p. 212).

Agostinho (1999b, p. 230) reconhece o testemunho bíblico de que “não está nas mãos dos homens, mas do Senhor, *o poder de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1.12)”, e é dele que o homem recebe iluminação ao coração; é ele quem alimenta os seus pensamentos e lhes confere a fé que atua pela misericórdia e graça. Agostinho (1999b, p. 230) pontua ainda que não há no homem poder algum que o capacite na preservação das graças, por essa razão recebe tudo de Deus, que o capacita para tal, fazendo dele um verdadeiro cristão.

Na obra *O dom da perseverança*, percebe-se que Agostinho considera o ato da perseverança na fé e no amor a Cristo até o final da vida do cristão como a doutrina bíblica da perseverança final, definitiva e salvífica dos santos. Essa perseverança, que não pode ser perdida por quem já a possui, é reconhecida por Agostinho como um dom de Deus, não dependendo de nenhum mérito humano; vinda do Senhor, portanto, a segurança de que ela é uma perseverança final, a maior de todas as graças que um pecador recebe de Deus para que ele se torne um cristão.

A compreensão da graça soberana de Deus aqui explícita foi amadurecendo em Agostinho, pois inicialmente ele não a reconhecia como absoluta sobre os cristãos (LANE, 2000, p. 68-69), mas, à medida que refletia mais sobre a sua fé, mais amadurecia a ideia da perseverança fundamentada na atuação soberana de Deus (WILSS, 1999, p. 115-116).

Quais seriam, então, as implicações dessa doutrina da perseverança conforme defendida por Santo Agostinho? Como entender os desdobramentos desse ensino?

4.3. ENTENDENDO O DOM DA PERSEVERANÇA

A doutrina da perseverança dos santos como ensinada por Santo Agostinho em *O dom da perseverança*, é o resultado de vários outros ensinamentos associados, dos quais aqui se destacam apenas algumas das principais doutrinas.

A) *Providência e perseverança* – Percebe-se a doutrina da providência divina quando Agostinho reconhece que, em virtude da incapacidade natural do homem de permanecer fiel a Deus, este não permite àqueles que estão ligados a si o afastar-se definitivamente dessa relação, e isso Deus faria até mesmo controlando a exposição do cristão às diversas tentações (AGOSTINHO, 1999b, p. 223, 225).

Na concepção de Agostinho, portanto, a perseverança é uma realidade que se deve ter por segura na vida dos cristãos por ser resultante do eficiente e imutável propósito divino de preservar fiéis a si aqueles que ele pela sua graça salvou, implicando que a mesma graça que salva é a que preserva salvo quem por ela foi remido.

B) *Predestinação e perseverança* – Ainda que seja uma doutrina considerada polêmica até os dias de hoje, o ensino sobre a *predestinação* também corrobora a coerência com doutrina da perseverança como graça de Deus. Sobre a relação entre predestinação e perseverança, vale ressaltar as palavras do próprio Agostinho (1999b, p. 246):

[...] tanto para começar como para preservar, a graça de Deus é concessão não de acordo com nossos merecimentos, mas é uma dádiva conforme à sua oculta, justa e misericordiosa vontade. Pois, os que predestinou, também chamou (Rm 8.30), com a vocação da qual está escrito: os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento (Rm 11.29).

Percebe-se nas palavras citadas que tanto a graça é a causa absoluta da predestinação como a mesma graça preserva os predestinados, fazendo-os perseverar nessa fé (AGOSTINHO, 1999b, p. 256). Assim, a antiga acusação de que a doutrina da predestinação é uma afronta aos atributos da justiça e da misericórdia em Deus é refutada por Agostinho precisamente quando ele afirma que a expressão de ambos os atributos deve ser percebida distintamente entre os homens, pois a justiça é um dever do qual o devedor não pode reclamar a paga, e a misericórdia é uma dádiva da qual o perdoado só pode agradecer a graça. É por isso que Brown (2000, p. 408) assinala o fato de que Agostinho defendeu ser a predestinação uma doutrina aceita e proclamada pela Igreja desde a sua origem histórica.

Por conseguinte, percebe-se que a disputa teológica vivenciada por Agostinho relativa à predestinação e à perseverança visava estabelecer quem é o motivo eficiente da salvação do cristão. Pelágio e suas variantes teológicas entendiam que é a liberdade real de escolha humana à qual se curvam Deus e suas graças, concedendo-lhes o necessário à salvação. Agostinho e suas variantes teológicas entendiam que é a escolha divina à qual se submetem os eleitos para receber as graças necessárias à salvação.

C) *Presciência e perseverança* – A doutrina da presciência divina, que discorre sobre o conhecimento prévio de Deus, também corrobora a formulação teológica agostiniana sobre o dom da perseverança. Agostinho (1999b, p. 234-235) refuta o conceito de um julgamento divino antecipado sobre males e virtudes que seriam feitos pelos homens; sendo assim, ele também não interpreta a presciência como o fator causador da predestinação, como se predestinar fosse a simples anuência divina em resposta ao reconhecimento prévio de virtudes que o onisciente previra existir naqueles que viriam a se salvar, como se pode verificar nestas suas palavras: “a graça de Deus é concedida não de acordo com nossos méritos”, e no eco do ensino paulino de que a graça só é graça se efetivamente não envolver obra, mérito ou potencial algum no pecador eleito; toda a razão da predestinação está em Deus apenas (AGOSTINHOb, 1999, p. 243, 264).

Por fim, o ensino bíblico sobre a união mística dos cristãos com Cristo é usado por Agostinho (1999b, p. 225) para defender a doutrina da perseverança dos santos. Ele afirma:

[...] o Cristo é um todo com seus membros, que são a Igreja, a qual é seu corpo, sua plenitude. Quando a mão de Deus está sobre o homem, para dele não nos afastarmos, chega até nós a obra de Deus (pois isto é a mão de Deus), a qual faz que permaneçamos em Cristo com Deus, e não em Adão afastados de Deus. Pois em Cristo coube-nos a sorte de sermos predestinados segundo o conselho de vontade daquele que faz todas as coisas. Esta é, portanto, a mão de Deus, não a nossa, a qual não permite nosso afastamento dele.

Baseado no princípio da relação espiritual indissolúvel entre os cristãos e Deus por meio de Cristo, Agostinho (1999b,

p. 249) sustenta e interpreta a perseverança dos santos como obra divina nos fiéis, afirmando ainda que só é possível a conversão se esta for condicionada à predestinação eterna, pois somente a graça divina dispõe os homens à resposta com fé.

Em Agostinho (1999b, p. 22,25), a perseverança dos santos é resultado da predestinação eterna de Deus, a execução do plano eternamente traçado e, logicamente, conhecido por Deus, para os eleitos, livre e graciosamente amados por ele desde sempre. Essa mesma lógica inclui também as crianças desde a mais tenra idade, pois não há outro fator de salvação senão a graça divina; e não há outro fator de condenação senão o mérito pessoal recebido pelo pecado original. A doutrina agostiniana sobre a graça de Deus como a causa eficiente da salvação conduziu logicamente o seu ensino à predestinação (BERKHOF, 1992, p. 123).

Como ensina Santo Agostinho em *O dom da perseverança*, essa doutrina é apresentada relacionada a vários aspectos da vida prática cristã. Agostinho, conforme a hermenêutica de Gonzales (1991, p. 170) ao discorrer essa doutrina, tem como foco um cristianismo não apenas teórico, mas também prático; daí Agostinho explicitar a partir da doutrina da perseverança alguns fundamentos práticos que deveriam envolver a vida de todos os cristãos.

A) *Oração* – Agostinho (1999b, p. 217) relaciona a doutrina da perseverança com a prática da oração expressando que fora natural à Igreja interpretar a perseverança como uma graça que é concedida por Deus, por isso a Igreja é estimulada a uma vida de oração.

Portanto, vivemos com maior segurança, se atribuirmos tudo a Deus do que se lhe dermos uma parte e nos reservamos a outra. [...] assim pedimos que ninguém insolentemente se ensoberbeça, ninguém com orgulho e arrogância atribua algo a si e ninguém se vanglorie de confessar a Cristo e por ele padecer. [...] Assim, precedendo a humilde e submissa confissão de nossa limitação e atribuindo tudo a Deus, o que pela oração se pedir a Deus com temor seja por ele concedido na sua misericórdia.

B) *Na pregação* – Na resposta àqueles que acusavam a doutrina da perseverança de ser prejudicial à pregação bíblica, Agostinho

(1999b, p. 247, 257, 269) rebate com a afirmação de que esse era o ensino e a pregação do apóstolo de Paulo, o incansável “Doutor dos Gentios”.

O valor das pregações do próprio Agostinho é reconhecido por Campenhausen (2005, p. 399), assim como a influência dessas sobre os seus ouvintes. Brown (2000, p. 248) informa que o segredo do poder dos sermões de Agostinho estava em sua sintonia crescente com a sua congregação à medida que progredia em seu sermão. O povo reconheceu desde cedo as virtudes de Agostinho como pregador; e dos seus sermões que foram preservados, Pessanha (1996, p. 9,10) lembra que chegou até os dias de hoje um número de quinhentos.

A prudência de Agostinho (1999b, p. 274-275, 277) quanto ao uso apropriado e à pregação devida dessa doutrina é percebida em sua exortação aos pregadores de que esses não deveriam anunciá-la “de modo a oferecer oportunidade de ser rejeitada”, mas com aplicações práticas que exortassem e confrontassem os ouvintes as suas respostas com sinais que evidenciassem uma relação sadia com Deus.

C) *Na piedade* – A doutrina da perseverança é usada por Agostinho (1999b, p. 221, 226) também para exortação à piedade cristã, pois, ao saber que é fruto da graça divina e não de nenhum mérito seu, o cristão não tem do que se orgulhar, mas reconhecer diariamente sua dependência da divina graça.

Agostinho (1999b, p. 248, 270) alerta que a motivação para a fé e a própria fé são frutos da graça divina, pelo que nenhum cristão deve se gloriar por crer em Deus, pois de Deus se recebe a fé; e baseado nisso ele exorta quem não a possui a rogar ao Senhor que a conceda, pois “ele nos outorga a fé, se lhe dissermos de coração: ‘concedei-me o que ordenais’”.

Eis mais uma demonstração do uso da doutrina como um estímulo à piedade cristã. Agostinho (1999b, p. 274-275) via na presença ou na ausência da piedade na vida das pessoas a evidência respectiva de ser um predestinado ou não; e assim ele propõe o uso da doutrina, que dessa maneira não dá margens à licenciosidade.

Por fim, Agostinho (1999b, p. 276) faz uso da doutrina da graça divina até para exortar assim os cristãos à prática da intercessão em favor da conversão de pessoas: “Com efeito, Deus que sempre levou a cabo tudo o que predestinou, quis

que rezássemos pelos inimigos da fé, e assim compreendêsemos que ele outorga o dom da fé também aos infiéis e faz com que queiram os que não querem”. Dessa maneira, Agostinho tentava mostrar como se deve usar pastoralmente tal doutrina, e que, portanto, ela não pode ser considerada um desestímulo à vida cristã; pelo contrário, devidamente compreendida e anunciada, a doutrina da perseverança dos santos, como uma expressão da graça divina, deve servir de poderoso estímulo à piedade cristã.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo de *O dom da perseverança*, há de reconhecer a legitimidade das seguintes palavras de Lane (2000, p. 254): “Agostinho foi o maior teólogo cristão desde o apóstolo Paulo. Ele é o Pai da Igreja Ocidental. Seus pensamentos dominaram a Idade Média”, particularmente quanto à sua contribuição concernente às doutrinas da graça.

Ficou explicitado que a doutrina da perseverança dos santos está relacionada no texto às doutrinas cristãs clássicas com a do pecado original e seus agudos efeitos, a do ser de Deus e seus atributos absolutos e a da união mística e absolutamente segura dos fiéis com o Filho de Deus, as quais em conjunto garantem aos fiéis a certeza plena da perseverança dos santos, embora, curiosamente, ele sustente que ninguém pode saber se é um dos predestinados até que chegue ao fim da vida, pois os eleitos, segundo ele, são apenas aqueles que terminam a sua vida sustentando fielmente a fé em Cristo (AGOSTINHO, 1999b, p. 209, 213).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO (Santo). *Confessions*. Middlesex: Penguin, 1961.

_____. *A cidade de Deus*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991.

_____. *A graça*. São Paulo: Paulus, 1999a. v. 2.

- AGOSTINHO (Santo). Confissões. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999b.
- ALTANER, B.; STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BENTLEY-TAYLOR, D. *Augustine: wayward genius*. Grand Rapids: Baker, 1980.
- BERKHOF, L. *A história das doutrinas cristãs*. São Paulo: PES, 1992.
- BOEHNER, P. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BONNER, G. *Saint Augustine of Hippo: life and controversies*. Norwich: Canterbury, 1963.
- BROWN, C. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- BROWN, P. *Augustine of Hippo – a biography*. Los Angeles: University of California, 2000.
- CAMPENHAUSEN, H. Von. *Os pais da Igreja*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.
- FERREIRA, F. *Agostinho de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006a.
- _____. *Pensadores cristãos*. São Paulo: Vida Nova, 2006b.
- GONZALES, J. *Uma história ilustrada do cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 1991. v. 2.
- HAMMAN, A. G. *Para ler os padres da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LABRIOLLE, P. *Confessions*. Paris: Societe de Edition – Les Belles Lettres, 1947.
- LANE, T. *Pensamento cristão*. 2. ed. São Paulo: Abba, 2000. v. 1.
- MATOS, A. S. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. *História da literatura cristã antiga grega e latina*. São Paulo: Loyola, 2000. v. 2, t. 1.
- OLIVEIRA, P. S. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ática, 2002.

OLSON, R. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2002.

PESSANHA, J. A. M. Santo Agostinho. In: *Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RAMOS, F. M. T. *A ideia de Estado na doutrina ético-política de Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 1984.

SCOTT, T. K. *Augustine: His thought in context*. New York: Paulist Press, 1995.

SPANNEUT, M. *Os padres da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.

STACCONE, G. *Filosofia da religião: o pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1991.

TARNAS, R. *The Passion of the Western Mind*. New York: Ballantine, 1991.

WILLS, G. *Santo Agostinho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.